



# Anais da Assembléia

Nº 62

CURITIBA, QUINTA-FEIRA, EM 19 DE MAIO DE 1994

ANO XX

## MESA DIRETORA

**ORLANDO PESSUTI**

Presidente - PMDB

**HERMAS EURIDES BRANDÃO**

1º Vice-Presidente - PTB

**GERALDO CARTÁRIO RIBEIRO**

2º Vice-Presidente - PP

**ANIBAL KHURY**

1º Secretário - PTB

**DIRCEU SILVEIRA MANFRINATO**

2º Secretário - PP

**BASÍLIO ZANUSO**

3º Secretário - PFL

**CEZAR AUGUSTO CAROLLO SILVESTRI**

4º Secretário - PSDB

**ABIB MIGUEL**

Diretor Geral

## LIDERANÇAS

PMDB - Governo .....	Deputado RENATO GUIMARÃES ADUR
PFL .....	Deputado NELSON GARCIA
PDT .....	Deputado PAULO MAIA DE OLIVEIRA
PTB .....	Deputado ERONDY SILVÉRIO
PSDB .....	Deputado HEINZ GEORG HERWIG
PT .....	Deputado OVÍDIO JOSÉ CONSTANTINO
PL .....	Deputado JOSÉ COLOMBINO GRASSANO
PP .....	Deputado NILTON ROBERTO BARBOSA

## REPRESENTAÇÃO PARTIDÁRIA

**PMDB** — 12: Arlindo Adelino Troian - Orlando Pessuti - Renato Guimarães Adur - Severino Félix Pessoa - Djalma de Almeida César - Cleiton Kielse Bordini Crisóstomo - Domingos Faustino de Carvalho - Antonio Toti Colaço Vaz - José Afonso Júnior - José Durval Mattos do Amaral - José Tavares da Silva Neto - Luiz Carlos Cafo Quintana; **Suplentes:** Eurides Moura - Oswaldo Trevisan - Luiz Henrique Bona Turra - Nereu Alves de Moura - Rogério Donato Kampa - Hidekazu Takayama; **PP** — 11: João Preis - Nilton Roberto Barbosa - Neivo Antonio Beraldin - Dirceu Silveira Manfrinato - Edson Silva Lino - Geraldo Cartário Ribeiro - José Artur Ritti - Júlio Bifon - Antônio Costenaro Neto - Antônio Martins Annibelli - Duílio Genari; **PFL** — 05: Élio Lino Rusch - Basílio Zanusso - Plauto Miró Guimarães - Nelson Garcia - Carlos Xavier Simões; **Suplentes:** Voldimir Mirão Maistrovicz - Antonio Ferreira Rüppe Filho; **PDT** — 07: Algaci Osmário Túlio - Emília de Salles Belinati - Paulo Maia de Oliveira - Namir Alcides Piacentini - Luiz Carlos Zuk - Luiz Carlos Martins - Valdir Luiz Rossoni; **Suplentes:** Valderi Mendes Vilela - Guiomar Mário Pizzato - Adilson Gonçalves Netto; **PSDB** — 03: Alceu Antônio Swarowski - Heinz Georg Herwig - Cezar Augusto Carollo Silvestri; **Suplentes:** Tadeu Lucio Machado - José Boiko; **PTB** — 12: Erondy Silvério - Anibal Khury - Ademar Traiano - Mário Bezerra Guimarães - João Falavinha Iensen - Dalton Machuca - Lourenço Fregonese - Luiz Carlos Alborghetti - Nelson Roberto de Plácido e Silva Justus - Hermas Eurides Brandão - Luiz Antonio Setti - Nilton César Servo; **Suplente:** Geraldo Atsumi Yamada; **PT** — 03: Ovídio José Constantino - Emami Pudell - Florisvaldo Fier (Dr. Rosinha); **Suplentes:** Lygia Lumina Pupatto - Pérides de H. Mello; **PL** — 01: José Colombino Grassano; **Suplentes:** Delvino Longhi - Mário Vargas J. da Rocha.

**4.<sup>a</sup> SESSÃO LEGISLATIVA DA 12.<sup>a</sup> LEGISLATURA  
ATA DA SESSÃO SOLENE EM HOMENAGEM AO  
CENTENÁRIO DA MORTE DO BARÃO DO SERRO AZUL  
REALIZADA EM 19 DE MAIO DE 1994**

(QUINTA-FEIRA)

Presidência do Senhor Deputado José Tavares, secretariada pelos Senhores Deputados Hermas Brandão e Alceu Swarowski.

Às dezesseis horas e trinta minutos é registrada a presença dos seguintes Senhores Deputados: Orlando Pessuti, Hermas Brandão, Geraldo Cartário, Anibal Khury, Dirceu Manfrinato, Basílio Zanusso, Caíto Quintana, Cezar Silvestri, Ademar Traiano, Alceu Swarowski, Algaci Túlio, Antônio Anibelli, Costenaro Neto, Arlindo Troian, Carlos Simões, Cleiton Kielse, Colombino Grassano, Dalton Machuca, Djalma de Almeida César, Domingos Carvalho, Doutor Rosinha, Duílio Genari, Durval Amaral, Edson Silva Lino, Élio Rusch, Emilia Belinati, Ernani Pudell, Erondy Silvério, Heinz Herwig, João Iensen, João Preis, José Afonso Júnior, José Arthur Ritti, José Tavares, Júlio Bifon, Lourenço Fregonese, Luiz Antonio Setti, Luiz Carlos Alborghetti, Luiz Carlos Martins, Luiz Carlos Zuk, Mário Bezerra, Namir Piacentini, Neivo Beraldin, Nelson Garcia, Nelson Justus, Nilton Barbosa, Nilton Servo, Ovídio Constantino, Paulo Maia, Plauto Miró Guimarães, Renato Adur, Severino Félix, Toti Colaço e Rossoni, presentes ainda inúmeras autoridades e demais convidados.

O SR. PRESIDENTE - (José Tavares) - Sob a proteção de Deus declaro aberta a presente

**SESSÃO ESPECIAL,**

em homenagem ao Centenário de Morte do Barão do Serro Azul.

Esta Presidência tem a satisfação de anunciar a composição da Mesa: Excelentíssimo Senhor Luiz Fernando Artigas, Secretário de Estado Especial de Governo, representando Sua Excelência o Senhor Governador do Estado do Paraná, Mário Pereira; Excelentíssimo Senhor Desembargador Cláudio Nunes do Nascimento, vice-Presidente em exercício do Egrégio Tribunal de Justiça, representando Sua Excelência o Sr. Ronaldo Accioly Rodrigues da Costa, Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná; Excelentíssima Senhora Professora Cassiana Carollo, representando S.Exa. o Senhor Rafael Greca de Macedo, DD. Prefeito de Curitiba; Excelentíssima Senhora Vereadora Nely Almeida, representando o Sr. Mário Celso Puglielli da Cunha, Presidente da Câmara Municipal de Curitiba; Excelentíssimo Senhor Professor Euro Brandão, Magnífico Reitor da Pontifícia Universida-

Curitiba, quinta, em 19.05.94

de Católica do Paraná; Excelentíssimo Senhor Fernando Fontana, bisneto do homenageado, palestrista da sessão; Excelentíssima Senhora Professora Cecília Westphalen, palestrista da sessão; Excelentíssimo Senhor Túlio Vargas, Membro da Academia de Letras do Paraná, palestrista da sessão; Excelentíssimo Senhor Jersy Brzozowski, Cônsul Geral da Polônia, vice-Decano do Corpo Consular.

Convido os presentes a ouvirem o Hino Nacional Brasileiro executado pela Banda da Polícia Militar do Paraná.

**(É executado o Hino)**

Esta Presidência tem a elevada satisfação de conceder a palavra ao Exmo. Sr. Deputado Alceu Swarowski, autor da proposição na qual homenageia o Centenário de Morte do Barão do Serro Azul.

O SR. ALCEU SWAROWSKI - Exmo. Sr. Presidente deste Parlamento Estadual, Excelentíssimas autoridades já nominadas, Senhora e Senhores palestrantes, Senhoras e Senhores familiares do ilustre homenageado, Senhoras e Senhores, jovens do Colégio Tiradentes.

"Não nos serve a Pátria apenas nos campos de batalha". Lembra a história aquela resposta enérgica de Ouro Preto a Deodoro, quando lhe teria sido cobrada uma ação mais efetiva na frente de combate. Serve-se à Pátria, sim, nos gabinetes, nas conciliações, nas negociações, nos Paramentos, nas tendas de trabalho, nos educandários, em todos os locais onde pulsa o fogo do amor à Pátria, e o Barão do Serro Azul serviu ao Paraná, e serviu ao Brasil como líder "jungteriano", inovador, transformador, revolucionário, dinâmico, não pela espada, como o Gen. Carneiro, que é o legítimo patrono da Unidade Nacional na Rede Pública, mas pela conciliação, pela palavra, pela pacificação. Não queremos, nesta pequena introdução, nos reportar, como farão os palestrantes dentro do rigor científico da história, mas lembrarmos pequenas curiosidades contidas no livro Histórias que não dão na história, quando o autor em rápidas pinceladas, talvez com pouca fidelidade histórica nos diz o seguinte (Lê):

"Os presos conversaram tristemente. Um preságio lutuoso torturava aquelas almas desgraçadas de vítimas. De repente, o trem deu um solavanco e estacou. Era o quilômetro 65. Metade da escolta desceu do vagão, e a outra metade, lá dentro, montou guarda aos prisioneiros. O tenente, do lado de fora gritou:

- 'Barão do Serro Azul, desça...'

O Barão obedeceu e saiu do trem. Ao

lado esquerdo dos trilhos uma esguia esplanada, em cuja extremidade se abria um profundo despenhadeiro. Na frente, oito soldados de carabinas embaladas, formavam um lúgubre pelotão.

- Barão do Serro Azul, eu tenho ordens superiores para fuzilá-lo no quilômetro 65. Aqui é o quilômetro 65. Se é religioso, reze, porque vai morrer.

- Tenente Moreira, eu não conspirei contra o governo, eu não sou revoltoso, eu não fui processado, nem contra mim há provas. Porque mandaram matar-me?

- Cumpro ordem e não as discuto. Prepare-se para morrer.

O Barão do Serro Azul tinha como berloque da sua corrente um retratinho esmaltado de sua esposa. Tirou a corrente do bolso, beijou a medalhinha com o retrato daquela que iria ficar viúva, e entregou o relógio ao tenente, dizendo-lhe:

- Os condenados têm direito a um último pedido. Este é o meu: faça chegar isto às mãos de minha mulher. Vou morrer, vítima inocente de uma desumanidade horrível.

- Será entregue, Barão.

- Muito obrigado, tenente.

E o Barão ajoelhou-se, pensando na sua esposa e em Deus. Ele ainda não terminara a sua prece quando a um sinal do tenente José Moreira o pelotão de soldados fez pontaria e desfechou a descarga.

Varado por oito balas o Barão do Serro Azul baqueou de bruços, murmurando:

- Meu Deus, coitada de minha mulher...

E o seu último pensamento foi para Deus e para a sua companheira.

Um sargento, com o pé direito, empurrou o corpo da vítima para o precipício e aquele inocente ensanguentado, despenhou-se num ruído surdo e macabro.

Ildefonso Pereira Correia nasceu em Paranaguá no dia 06 de agosto de 1845. Estudou Finanças em Friburgo, no Rio de Janeiro e estagiou em Buenos Aires e Montevideu. Sua primeira atividade relacionou-se com a Erva-Mate. Homem de visão empresarial e próspero comerciante, Ildefonso investiu em engenhos movidos a vapor, conseguindo destaque nos mercados platinos.

Em 1880, depois da visita do Imperador Dom Pedro II, Ildefonso foi agraciado com a comenda da Ordem da Rosa e tornou-se líder das classes produtoras. Este foi o primeiro passo para que ingressasse na carreira política. Elegeu-se Deputado Provincial. Durante sua atuação parlamentar apoiou a cultura de trigo e criou um fundo de divulgação do produto no mercado europeu.

O Barão do Serro Azul foi um dos fundadores da Associação Comercial do Paraná, do Clube Curitibano, da Companhia Impresora Paranaense e da Sociedade Protetora do Ensino. Participou também da Confedera-

ção Abolicionista criada pelo Major Sólton Ribeiro.

Nos momentos críticos de transição da Monarquia para a República, os políticos costumavam recorrer à sua palavra moderada.

Em janeiro de 1894 quando as tropas federalistas de Gumerindo Saraiva ameaçavam Curitiba de saques e tropelias, todos os apelos da cidade se voltaram ao Barão. Ele era a autoridade capaz de negociar a rendição, já que o Governador em exercício, Vicente Machado e o Comandante do distrito militar General Pêgo Júnior, haviam abandonado a capital. Viu-se, então, no centro de uma junta de salvação pública. Figura principal de uma sociedade em pânico, obrigou-se a conviver com os invasores e arrecadar empréstimos de guerra.

Fracassada a Revolução Federalista e reconquistada Curitiba pelas forças militares de Floriano Peixoto, veio a vingança dos vencedores, da qual o barão foi alvo. Na noite de 20 de maio de 1894, o barão e mais cinco companheiros de infortúnio foram fuzilados na Serra do Mar.

Dois dias após os jornais do Rio de Janeiro publicam o seguinte telegrama:

'Presidente Marechal Floriano.

É com prazer que comunico a Vossa Excelência que tudo vai bem. Nenhuma anormalidade. Reina a paz aqui. Viva a República!

Vicente Machado, governador'

Entretanto, a paz anunciada pelo Governador do Estado era idêntica àquela mesma paz de sangue de Varsóvia, nas revoluções liberais de 1831 que avassalaram a Europa. A paz do sangue, derramado, a paz das lágrimas das viúvas, das crianças, a paz dos cadáveres de cidadãos sumariamente fuzilados: era uma paz de Varsóvia, essa famosa paz da nossa Curitiba.

Senhoras e Senhores, se o General Carneiro é o patrono da Unidade Nacional, através de sua espada, salvando a República no cerco da Lapa, indiscutivelmente o Barão do Serro Azul é o herói civil da conciliação nacional.

É com grande satisfação que nós iremos ouvir as palavras dos três conferencistas: do Dr. Odilon Túlio Vargas, conhecido de todos nós - ex-Deputado Federal, ex-Deputado Federal, ex-Deputado Estadual, ex-Secretário de Estado da Justiça, ex-Presidente do BRDE, Procurador aposentado do Estado junto ao Tribunal de Contas, membro da Academia Paranaense de Letras e de outras instituições culturais, autor de vários livros, principalmente da História do Paraná; a professora Cecília Westphalen, por quem nós temos um carinho todo especial, foi minha professora catedrática da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade do Paraná. É a presença da mulher

paranaense na cultura brasileira, professora catedrática aposentada de História Moderna e Contemporânea da Universidade Federal do Paraná, autora de 180 livros e artigos no campo da História e da educação, publicados no Brasil e até no exterior. Atualmente é Presidente da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, vice-Presidente da Comissão Internacional de História dos Movimentos Sociais, da UNESCO, Presidente da Associação dos amigos do Arquivo Público do Paraná, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil e do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná; e o Dr. Fernando Fontana, rebento desta estirpe gloriosa, bisneto do nosso homenageado, Barão do Serro Azul, advogado e mestre em Administração de Empresas pela Universidade de Michigan, professor universitário, empresário, industrial e agropecuarista, ex-Secretário da Indústria e Comércio, ex-Secretário da Administração, ex-Secretário do Interior.

Portanto, participando de três governos aqui no Estado do Paraná sempre com brilhantismo invulgar.

Foi ex-presidente do Instituto Liberal, da Associação de Dirigentes de Vendas do Brasil e do Centro de Integração Empresa-Escola do Paraná e ex-vice-presidente da Associação Comercial do Paraná, Presidente do Centro Paranaense de Estudos Sócio-Econômicos.

Com a palavra os ilustres palestrantes.

Muito obrigado."

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Tavares) - É com a mais elevada satisfação que esta Presidência concede a palavra ao Exmo. Senhor Túlio Vargas, Membro da Academia Paranaense de Letras.

O SR. TÚLIO VARGAS - Exmo. Senhor Deputado José Tavares, Presidente em exercício da Assembléia Legislativa.

Quero aproveitar a oportunidade para fazer um agradecimento público pelo apoio que o Deputado José Tavares, quando no exercício do cargo de Secretário de Estado da Justiça e Cidadania do Paraná, conferiu às atividades do Centro de Letras e da Academia Paranaense de Letras celebrando com estas instituições um convênio que tem permitido a publicação de obras dos escritores e poetas paranaenses.

Demais autoridades já citadas, meus senhores e minhas senhoras.

Com a sucessão de oradores, fatalmente cairíamos no risco de repetições, porque o tema é um só, o tema é o Barão do Serro Azul, sua vida, sua tragédia, seu

destino. E vejo que há muitos alunos de escolas de Curitiba, entendo assim que deveria sintetizar bastante o que pretendíamos afirmar aqui nesta rápida dissertação e dar um enfoque mais didático para que, principalmente os estudantes tenham conhecimento das causas que deram origem a essa tragédia de que foi vítima o Barão do Serro Azul.

Porque poderíamos aqui, nos estender falando no Barão do Serro Azul empresário, homem da modernidade, o homem que introduziu grandes inovações no mecanismo da indústria e do comércio do Paraná, homem que desenvolveu a indústria do mate, que propagou as suas virtudes nos mercados platinos e nos mercados da Europa; poderíamos falar do seu desempenho na exportação do pinho já numa segunda etapa da sua vida empresarial ou da fundação de bancos como foi da sua proposição como Deputado Provincial a criação do Banco da Província e depois um banco que teve uma meteórica duração que foi o Banco Industrial e Mercantil do Paraná, já no caso da Monarquia; ou do seu trabalho de um homem de traços de bondade, traços de generosidade notável, principalmente na Campanha Abolicionista da qual ele foi um dos líderes no Paraná, alforriando escravos e ajudando com dinheiro para a liberdade dos escravos paranaenses, principalmente, aqueles que procuravam fugir pelo litoral sem recursos para alcançar a liberdade; ou, então, aqui na Assembléia Legislativa, que é uma casa de políticos, diferir o perfil político do Barão do Serro Azul, um homem que foi Deputado, um homem que exerceu a presidência da Província, que foi Presidente da Câmara Municipal de Curitiba, que era do Partido Conservador, mas por ser um homem, assim, muito conciliador era até convocado pelos seus adversários do Partido Liberal para participar do Governo, como na verdade ele foi Delegado do Ensino, ele foi do Partido Conservador, quando estava no Governo um homem do Partido Liberal, e depois, com a Proclamação da República ele se tornando um republicano, porque ele ajudou a fundar o Partido Republicano Federal, ajudando Vicente Machado, inclusive a eleição de Ubaldino do Amaral para o Senado, deu-se graças à sua influência, a sua interferência com a sua autoridade de um homem que tinha um grande poder de aglutinação, porque além de ser um homem culto, um homem acostumado aos tratadistas estrangeiros, era um homem "expert" em economia política, em finanças, ele gostava de citar, também, os grandes modelos da Europa, era um fã incondicional de Napoleão, ele gostava de citar Marat, Robespierre, os homens da Revolução Francesa, e também muito afeiçoado a literatura, ele não se cansava de citar Cervantes, Ariosto, Nilton, os

grandes nomes da literatura da época.

Então, era um homem muito culto, e era um homem de grande visão empresarial; ele reuniu essas duas condições, da sua cultura e da sua facilidade para negociação, para abertura de mercado, principalmente por ter sido o pioneiro do "marketing" empresarial do Paraná, pois que quando Deputado Provincial ele apresentou um projeto de lei para a criação de um fundo de propaganda do mate, e com esses recursos ele fazia a divulgação do mate principalmente na Europa, nas grandes exposições da época.

Então, realmente, era um grande Líder, o homem que fundou o Curitiba, a Associação Comercial, o homem que fundou a Companhia de FERROCARRIL, enfim, um homem polivalente, que estava em todas as áreas, e principalmente um homem de grandes sentimentos humanitários; homem cujo traço fundamental da sua personalidade era sua inclinação para a caridade fundamental da sua personalidade era sua inclinação para a caridade, por isso, um homem bem quisto, por isso ele tinha as virtudes de condutor, ele tinha as qualidades de liderança, por isso, ele passou a ser a figura central, a figura mais importante do Paraná, no fim do século passado, um homem que graças à sua cultura granjeou admiração não só de brasileiros aqui no Paraná, mas também na Europa, onde ele ia apresentar nas exposições os produtos da sua indústria.

Mas, afinal de contas, nós sabemos tudo isso do Barão, já foi falado, mas porquê aconteceu essa tragédia?

O que foi essa Revolução Federalista, onde ela começou, por que ela veio lá do Rio Grande do Sul aqui para o Paraná causar tantas vítimas, causar tanto infortúnio?

Ela nasceu do resultado da transição da Monarquia para República, que se criou nesse período de transição uma fase tempestuosa, de turbulência, porque era a luta pelo poder, mas não era só da luta de caráter político, era, também, de caráter ideológico.

No Rio Grande do Sul, depois de uma série de mudanças de Governo, houve, com a ascensão de Floriano Peixoto à Presidência da República, um trauma ainda maior, porque Floriano Peixoto mandou rasgar as constituições dos estados, depôs todos os Governadores que na época se chamavam Presidentes, todos os Presidentes que haviam sido eleitos no regime da primeira Constituição Republicana Estadual.

Aqui no Paraná tinha sido eleito Generoso Marques que era da União Republicana. No Brasil, só com exceção do Pará, todos os Governadores foram depostos, e com isso criou um trauma muito grande, criou res-

sentimento, criou um espírito de revolta, isso foi o fermento da Revolução, mas começou no Rio Grande do Sul, onde o povo é mais aguerrido, é mais guerreiro, o povo tem sangue quente, principalmente pela proximidade com o Uruguai, nos Pampas, criou-se uma natureza humana mais impetuosa, vocacionada para guerra.

Então, no Rio Grande do Sul, eles não se conformaram com a deposição do Governador da época que era pertencente à corrente contrária de Floriano Peixoto. Então há uma opção ideológica. O que seriam os federalistas?

Os federalistas eram aqueles que politicamente queriam derrubar Júlio de Castilhos que estava no poder, e era um homem que iria outorgar, como outorgou, uma nova Constituição, mas uma Constituição de natureza positivista, com uma concentração de poderes muito grande, os federalistas não se conformaram com isso, porque eles inclusive pretendiam uma Constituição com um modelo federal, mas principalmente, uma Constituição no sistema parlamentarista.

Então aí houve o primeiro choque biológico. Depois houve o choque político e os federalistas alijados do poder, resolveram então, derrubar Júlio de Castilhos que era o Presidente do Estado. Então, aí é que é começo da Revolução Federalista. A maioria estava exilada no Uruguai, eles vêm do Uruguai, com as suas tropas engrossadas por guerreiros da Província de Corrientes. Então formaram um exército - se pode chamar exército - um exército heterogêneo e se lançaram para derrubar Júlio de Castilhos no Rio Grande do Sul.

Então essa Revolução não tinha nada a ver com o Paraná, com Santa Catarina, com o resto do Brasil, mas acontece que Floriano Peixoto deu mão firme a Júlio de Castilhos e nesse entrevero ocorreu que também no Rio de Janeiro estourou uma outra revolta, a chamada Revolta da Esquadra. Esta sim, pretendia derrubar Floriano Peixoto.

Então vejam que essas duas forças, aquelas forças navais comandadas pelo Almirante Custódio de Melo e as forças terrestres, vamos dizer, de Saraiva, lá no Rio Grande do Sul, fazem uma junção, elas se unem. Já os federalistas não querem só derrubar Júlio de Castilhos. Querem derrubar também Floriano Peixoto.

Então eles vêm do Rio Grande do Sul, vão dominando aquelas cidades, principalmente no Vale do Rio Uruguai, não conseguem ir para o centro, para atingir Porto Alegre e são acoissados pela coluna norte de Pinheiro Machado e eles resolvem, numa estratégia em conjunto, invadir Santa Catarina. Então aí se juntaram os federalistas, que eram chamados "maragatos".

Por quê eram chamados "maragatos"? Porque eles corrientinos que viveram no Uruguai, nas forças de Saraiva, eram descendentes de uma região da Espanha, chamada Maragataria. Então isso foi apenas uma forma de um apelido pejorativo que os homens de Júlio de Castilhos puseram nos federalistas e eles aceitaram isso e sublimaram esse apelido. Então, os "maragatos" se sentiam orgulhosos, como se sentiram orgulhosos os "farrapos", anos atrás.

Bom, então eles resolveram invadir Santa Catarina e realmente invadem. Encontram pouca resistência em Santa Catarina e tomam conta do governo e instituem lá, em Florianópolis, o governo. Um governo com presidente, um governo constitucional. Governo revolucionário constitucional, porque na verdade, o que se pretendia com a conquista de Santa Catarina, era justamente uma conexão entre o Paraná e São Paulo, para facilitar chegar ao Rio de Janeiro e depor o Marechal Floriano Peixoto.

Conquistada Santa Catarina, chega a vez do Paraná.

Em 1.894, janeiro, o Paraná já vivendo uma grande turbulência, com a queda do Generoso Marques, com uma nova Constituição, os paranaenses também estavam desejando desalojar do poder o presidente de então, que era Francisco Xavier da Silva, que estava licenciado para tratamento de saúde, e então, assumiu Vicente Machado e acabou ficando com a "bomba" da revolução. Os federalistas chegam em Rio Negro e por lá iniciam a invasão do Paraná.

Criou-se no Paraná, em Curitiba, nas cidades paranaenses, um clima de pânico, porque os federalistas vinham com fama de bandidos, de homens que degolavam os seus prisioneiros e a população curitibana ficou aturdida, perplexa, temendo a invasão, porque os federalistas já tinham dominado Rio Negro, já tinham dominado Tijucas do Sul, e em conexão com a Armada, já tinham conquistado Paranaguá, já tinham chegado até Castro, então o Paraná, praticamente já estava dominado.

Então o que aconteceu?

A população curitibana, o comércio curitibano, os empresários, recorreram a quem? À pessoa mais importante da época, à pessoa mais autorizada, à pessoa mais credenciada, para parlamentar com os federalistas, para não deixar que eles invadissem Curitiba, saqueassem o comércio, violassem os lares curitibanos e esta foi a sua grande intenção.

Então, ele constituiu comissões que foram parlamentar com Adriano Pimentel, em Tijucas, e Tijucas se rendeu. Mandou uma comissão parlamentar com o General Carneiro, na Lapa, mas o General Carneiro nem quis recebê-los. E a Lapa resistia. Ficou 28 dias resistindo ao cerco dos federalis-

tas, enquanto o resto do Paraná todo já estava ocupado.

Serro Azul vê-se obrigado a conversar, a parlamentar com os invasores e vê-se, de repente, como Presidente de uma Comissão de Empréstimos de Guerra. Quem era a pessoa mais habilitada e mais credenciada por ser Presidente da Associação Comercial para arrecadar fundos no comércio? Era o Barão do Serro Azul. Ele não viu outra alternativa, não tinha outro caminho. Foi obrigado a presidir essa comissão, quando já tinha se negado a aceitar ser o Presidente revolucionário do Paraná. Não aceitou várias vezes. Foi pressionado por Gumercindo Saraiva; não aceitou.

Então acabou, na verdade como última alternativa para poupar o comércio da pilhagem e os lares curitibanos de qualquer afronta, acabou aceitando, com certeza a contragosto, como ele confessou a Leôncio Correia, o jornalista, e como há inúmeras provas nos livros de História, dos que pesquisaram esse episódio, e ele era um homem tão bom, tão generoso, que mesmo parlamentando e tendo que se aliar esporadicamente, provisoriamente com os revolucionários, ele ainda escondia, aqueles que eram inimigos da revolução, escondia em cima do seu palacete, no sótão do seu palacete, como aconteceu com o Senhor General Mário Tourinho que tinha sido um dos heróis da resistência da Lapa.

Então, ele também protegia aqueles que eram contra a revolução, mostrando a sua neutralidade, mostrando que as ações que ele estava praticando não tinham nenhuma conotação política, não tinham nenhuma conotação ideológica. Ele não pretendia a restauração da Monarquia, ele era uma homem já da República porque tinha ajudado a fundar o Partido Republicano Federal do Paraná.

Mas vem aí a triste história: quando a revolução fracassou, porque com o Cerco da Lapa, vinte e oito dias de resistência, houve tempo suficiente para Floriano Peixoto rearmar a armada, deu tempo de comprar mais equipamentos para suas forças e então Floriano Peixoto determinou que as forças viessem encontrando ofensiva no Paraná e aí começou a haver a retirada das tropas federalistas.

Os federalistas são acochados e são obrigados a se retirarem em três colunas: duas vão para o Rio Grande do Sul, uma vai aqui pelo Paraná, no sentido de Foz do Iguaçu e acabam se refugiando no exílio. Nessa retirada morreu Gumercindo Saraiva que era o grande líder dos federalistas. Este foi o golpe mortal na revolução.

Perdida a revolução, fracassada a revolução, o que acontece? Vicente Machado volta, porque quando as forças se aproximaram de Rio Negro, as forças federalis-

tas, e houve todo aquele pânico, Vicente Machado que era o Governador em exercício foi embora, transferiu a capital para Castro e o General Pêgo Júnior que era o comandante do Distrito também abandonou tudo. Então Curitiba ficou indefesa. Então foi por isso, por não ter recursos para defendê-la que o Barão do Serro Azul aceitou esta missão de conciliador para a pacificação dos espíritos naquela hora tão dramática.

Bom, Vicente Machado não pode ir a Castro instalar o governo porque Castro já estava em mãos dos federalistas. Teve que se refugiar no Rio de Janeiro e o General Pêgo Júnior também foi embora e Curitiba ficou à deriva. Fracassada a revolução vêm as forças de Floriano Peixoto com Vicente Machado, reconquistam o Paraná, instala-se novamente o Governo, chamado Governo Legal, e aí então o Comandante Militar, General Ewerton Quadros baixa algumas Ordens do Dia, causando um verdadeiro período de terror em Curitiba: de fuzilamentos sumários, de perseguições e essas perseguições e fuzilamentos também, isso não era propriamente a paternidade só dos Vicentinos, mas também era dos federalistas. A violência era de ambas as partes.

Então, começam as represálias. As prisões do teatro São Teodoro ficam superlotadas. Os que podem fugir, fogem. Centenas foram embora por exílio, centenas de paranaenses. E o Barão do Serro Azul não quis fugir, preparavam uma carruagem para ele fugir à noite, e ele disse: "Não fugirei, não devo nada, sou um homem inocente. Não está aí Curitiba protegida, não estão as suas famílias íntegras, não está o seu comércio amparado?" E Nelson Correia que o interpela, responde:

- Está, sim Barão, mas a Revolução não tem entranhas; a contra-revolução muito menos.

O Barão prefere submeter-se a um conselho de guerra, ele promete ao conselho de guerra.

Então, na noite de 20 de maio de 1894, ele e mais cinco companheiros de famílias conhecidíssimas no Paraná, família Matos Guedes, família Schelleder, José Joaquim Ferreira de Moura, Ubaldino Ferreira de Mendonça, Prisciliano Correia e o Barão do Serro Azul são levados de trem para Paranaguá onde eles prometeram que iriam pegar o navio para ir ao Rio de Janeiro submeterem-se ao Conselho. E na noite de 20 de maio, entre o quilômetro 64 e 65 da Serra do Itupava que leva a Paranaguá, o trem pára e são desalojados dos vagões, são postos perto de um talude e ali são fuzilados impiedosamente.

Esta é a história e a tragédia do Barão do Serro Azul, um homem que, na verdade, se tornou mártir de Curitiba, porque a

reação a esse fuzilamento foi tão grande que impediu que as autoridades legalistas que retomaram o Poder executassem outros trezentos e vinte paranaenses que estavam numa chamada lista fatal para fuzilamento, como aconteceu em Santa Catarina, onde fuzilaram mais de duzentas pessoas, principalmente a jovem oficialidade do Desterro.

Essa é a história, esse é o itinerário de um homem que só prestou benefícios ao Paraná e ao Brasil, principalmente à sua geração, sendo um homem que esteve à frente do seu tempo, um homem de visão e de modernidade.

Por isso, para encerrar, vale a pena lembrar a poesia de Vera Vargas, que traduz bem esta tragédia:

"Morre o homem, porém não consome a luz da inteligência e a luz do coração, pois destas coisas Deus lhe fez presentes como frutos do eterno, que serão perpetuados na semente."

Perpetuados na semente. Passados cem anos a memória do Barão está cada vez mais vívida.

Era só, Senhor Presidente.

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Tavares) - Esta Presidência registra e agradece a presença dos alunos da Escola Tiradentes, das turmas de oitavas séries, bem como das professoras Célia, Maria Helena e Ester.

E, ao agradecer a presença das professoras e dos alunos, porque eles terão que se retirar, se ausentar neste momento - pois se trata de jovens que aqui se encontram, alguns até sem o conhecimento de seus pais que estão lá na Escola Tiradentes os aguardando - gostaríamos também de lembrar aos alunos que foi o Barão do Serro Azul que construiu com recursos próprios a primeira sede do então Grupo Escolar Tiradentes, aqui de Curitiba.

Portanto, com essa informação e com esse esclarecimento, reiteramos o agradecimento à presença dos alunos e das professoras, que muito nos honraram aqui nesta Sessão Solene.

Na sequência, depois de termos ouvido as palavras do Doutor Túlio Vargas, a sua brilhante explanação histórica a respeito do Barão do Serro Azul, esta Presidência, com muita honra concede a palavra a Excelentíssima Senhora Cecília Westphalen.

A SRA. CECÍLIA WESTPHALEN - Senhor Deputado José Tavares, Presidente desta Sessão Solene da Assembléia Legislativa Estadual; demais autoridades; Senhores; Senhoras. (Lê):

"SERRA AZUL,  
uma incógnita, um problema

As comemorações dos eventos históricos, para nós, historiadores, têm o sentido da oportunidade da reflexão, da crítica e da revisão dos nossos conhecimentos.

Não sou particularmente conhecedora da Revolução Federalista, embora por herança familiar, haja tido maragatos ilustres entre meus antepassados e heróis picapaus no Pantheon da Lapa.

Todavia, questões acerca da Revolução, desde a minha infância, me foram presentes a partir dos relatos de contemporâneos aos acontecimentos. Por exemplo, os da 'tia' Delfa, antiga escrava de Pedro Fortunato Magalhães, casa onde foi acolhido e morreu o bravo Coronel Gomes Carneiro, ou da minha própria avó, a gaúcha Maria Antonia de Azambuja e Souza que, nos porões da casa da rua da Boa Vista, com seus filhos pequenos e familiares, suportou com bravura os dias do Cerco.

Como estudiosa, profissional da História, hoje, nesta Casa que sintetiza as tendências políticas do povo paranaense, procurarei interpretar unicamente do ponto de vista político, as posições de Ildefonso Pereira Correia, Barão do Serro Azul, buscando compreendê-las à luz da conjuntura nacional e dos acontecimentos que culminaram na tragédia do quilômetro 65.

Ildefonso Pereira Correia, pela sua atuação empresarial, na década de 1880, tornara-se o principal comerciante exportador de erva-mate, assim como sucedera ao Visconde de Nacar no comando do Partido Conservador, na Província do Paraná.

Quando da Proclamação da República, era de calma e tranqüilidade a situação política da Província, sob a presidência liberal do Conselheiro Jesuíno Marcondes.

Instituída a República, Rocha Pombo assinalava 'o aqodamento com que o Partido Conservador, quase em peso, que estava na ocasião fora do poder, acudiria, em 1889, à ordem: República!'

Para os arraigados hábitos políticos, teria havido apenas uma nova troca de Gabinete, e instalada a nova ordem, conservadores e liberais, não quiseram ficar de fora, tentando manter o antigo prestígio e defender seus interesses.

No Paraná, com a Proclamação da República, delineam-se duas correntes políticas: a dos republicanos e conservadores que se agrupam ao lado de Vicente Machado, com o apoio de Ildefonso Pereira Correia, Barão do Serro Azul, constituindo o 'Partido Republicano Federal', e a dos liberais, ao lado de Generoso Marques dos Santos, que herdara a liderança do Conselheiro Jesuíno Marcondes, auto-exilado na Europa, formando a 'União Republicana do Paraná'.

Embora um dos mais prestigiosos chefes políticos do Paraná, Serro Azul, em 1892,

afastara-se dos grupos políticos 'para poder, sem quebra de disciplina partidária, procurar corrigir os excessos dos partidos'.

Serro Azul estava decepcionado com a crueza do jogo político no Paraná, com a instabilidade reinante, motivada pelos radicalismos partidários que já dividiam a sociedade paranaense.

Todavia, as posições políticas de Serro Azul eram presumidas face ao seu passado: monarquista e conservador.

Aqui, começam a colocar-se as questões pelo historiador. Uma ou outra respondidas, pelo próprio Barão, e muitas deixadas à nossa reflexão e crítica.

Reiteradas vezes disse e escreveu Serro Azul, 'não sou criminoso nem revolucionário', quando da retomada do Paraná pelas tropas legalistas, recusando-se inclusive a fugir para o Prata, caminho que os principais chefes federalistas haviam tomado.

Mas, as evidências contra ele se acumulavam. Como Presidente da Associação Comercial e líder da classe comerciante, havia solicitado ao General Pêgo Júnior, ante a queda de Paranaguá e a iminência da invasão da Capital, que poupasse Curitiba 'das dolorosas consequências de uma praça sitiada e bombardeada'. Este apelo teria sido decisivo. Segundo o depoimento de Ermelino de Leão, horas depois o General Pêgo abandonava Curitiba, o mesmo sucedendo ao chefe do executivo estadual, ambos a 18 de janeiro.

Serro Azul também apela aos defensores legalistas de Tijucas, para que terminassem a luta fratricida e inglória, seguindo o exemplo do Comandante do Distrito e do Governador do Estado.

Vicente Machado, em 24 de janeiro, em telegrama ao Marechal Floriano, dizia, 'soube que havia assumido o governo do Estado, o Barão do Serro Azul, conhecido monarquista, e por ordem de Custódio de Melo que também se acha em Curitiba'. Porém, o próprio Vicente Machado, em telegrama de 1º de fevereiro, anunciava ao vice-Presidente da República que Serro Azul não aceitara o governo do Estado, entregue a Teófilo Soares Gomes.

Serro Azul era, assim, para os legalistas em retirada, o nome natural para o governo do Paraná em mãos dos revolucionários federalistas.

O seu nome estava sempre presente nas cogitações de legalistas e federalistas. Quando do esboçar da derrocada federalista, o chefe de fato do governo revolucionário no Desterro Emygdio Westphalen, em 31 de março telegrafava ao Governador do Paraná, General Cardoso Júnior, 'deveis preparar um manifesto quando tenhais (sic) de deixar o governo para o Barão do Serro

8 Azul'.<sup>8</sup> Certamente, havia dúvida quanto à aquiescência do Barão, pois, a 1º de abril, Emygdio Westphalen indagava se haveria outro nome no caso de Serro Azul não aceitar a investidura'.

A verdade é que, no interregno entre a retirada de Pêgo Júnior e de Vicente Machado, e a chegada a Curitiba dos chefes revolucionários, Serro Azul organizou com os comerciantes curitibanos uma Junta Governativa que armou numerosa guarda cívica para a manutenção da ordem na cidade, contando inclusive com a participação de Generoso Marques dos Santos, principal opositor a Vicente Machado.

Ao Barão do Serro Azul, a 24 de janeiro, foi imposta pelos revolucionários, a presidência da Comissão de Empréstimo de Guerra, a ser levantado no comércio e na indústria locais. 'Ante a perspectiva do saque (à cidade de Curitiba), e a sua táctica adesão à causa revolucionária', segundo David Carneiro, o Barão teria preferido correr o risco desta última.

Havia sinais explícitos dessa adesão. 'A 11 de março, comemorando a rendição da Lapa, houve um banquete em casa do Barão. No meio dos brindes a Gumerindo, Saldanha, Piragibe, Tavares, Silveira Martins, houve votos pela vitória das armas revolucionárias e pela queda do tirano', o Marechal Floriano.

Novo banquete e novos brindes teriam se verificado por ocasião do aniversário da Baronesa do Serro Azul, às vésperas da saída dos federalistas de Curitiba.<sup>12</sup>

Com o retorno dos legalistas e com os excessos do castigo e da vingança, Serro Azul ganharia o que ele próprio vaticinara a 5 de maio, em carta ao Coronel Pires Ferreira, 'talvez consigam atualmente aureolar a minha frente com os resplendores dos mártires'.<sup>13</sup>

Tudo, nesses instantes de desenfreada comoção, reunia-se: interesses contrariados, políticos e comerciais, que levavam até mesmo a denúncias, como a do Coronel Constantino Cunha, junto ao Marechal Floriano Peixoto de que Serro Azul seria, na verdade, o chefe da revolta no Paraná.

Enfim, com a vitória dos legalistas, era preciso punir, castigar exemplarmente, haja vista os fuzilamentos em Santa Catarina, da Fortaleza da Anhatomirim, como o sacrifício inclusive do velho Barão de Batovi.

E isto à custa de direitos fundamentais do homem, como a liberdade de pensamento e o de defesa perante tribunais competentes.

Serro Azul não fugiu, como outros o fizeram, porque confiava nos tribunais e nos juizes. 'A minha fuga seria a confissão de qualquer crime ou a falta de confiança nas leis pátrias e nos juizes que

me não de julgar'.<sup>14</sup>

Não lhe deram esta oportunidade, vítima da ira que sucede às comoções instestinas, como bem colocou Leônicio Correia.

Mas, a liberdade de pensamento, esta ninguém aprisiona, ninguém fuzila, nem a morte apaga.

Serro Azul, devotado à Monarquia, sobretudo após a divulgação do Manifesto de Saldanha da Gama, não teria aderido à causa federalista? Ou, pelo menos, com ela simpatizado?

Ele se afastara há tempos do Partido Republicano Federal, de Vicente Machado, e defensor do florianismo no Estado.

Mas, não dizia o próprio Barão a Leônicio Correia, nos primeiros dias de maio de 1894, 'nunca duvidei da vitória do Marechal Floriano, homem refletido e calmo, que sabe ordenar energia e despertar dedicações'.<sup>15</sup>

Jacques Ourique, em O Drama do Paraná, testemunhou que o Barão do Serro Azul 'nenhuma compartição teve na revolução, que sempre, e sem reserva, declarou não acompanhar'.<sup>16</sup>

David Carneiro, um dos maiores conhecedores da Revolução Federalista, todavia, acreditava que 'o seu título honorífico, porém, as suas probabilidades no caso de ser a revolução vitoriosa, desde que prevalecessem as idéias de Saldanha da Gama, tudo leva a crer que, no fundo, ele seria simpático a uma restauração'.

Siquier discuto o complicador deixado pelo testemunho de Euclides Bandeira de que tinha conhecimento de manifestação de Floriano Peixoto ao Conselheiro Manuel Francisco Correia que ordenara, por telegrama, ao General Ewerton de Quadros, a entrega do Governo do Estado ao Barão do Serro Azul.<sup>18</sup>

Deixo estas questões que, como historiadora, não tenho ainda como resolver. Mas, deixo esta hipótese para o desenvolvimento de estudos futuros, de que Serro Azul, na verdade, teria sido in pectore, um federalista. Ou seja, uma incógnita, um problema para a investigação histórica resolver à luz de novas evidências.

#### NOTAS

- 01 - Rocha Pombo, José da. História do Brasil. Rio de Janeiro. X.V.p.11.
- 02 - Correia, Ildefonso Pereira. Carta ao Coronel Pires Ferreira, de 5 de maio de 1894, In Carneiro, David: O Paraná e a Revolução Federalista. Secretaria da Cultura e do Esporte. Curitiba, 1982. p.313.
- 03 - Leão, Ermelino de. Dicionário Histórico e Geográfico do Paraná: Empresa Graphica Paranaense. Curitiba, 1926. V.I.p.175.
- 04 - Idem. p.176.
- 05 - Muricy, José Cândido da Silva. A

- Revolução de 93 nos Estados de Santa Catarina e Paraná. Cia. Ed. Americana. Rio de Janeiro. p.291.
- 06 - Machado, Vicente. Telegrama de Apiai, 24 de janeiro de 1894, ao Marechal Floriano Peixoto. In Carneiro, David: O Paraná e a Revolução Federalista. Secretaria da Cultura e do Esporte. Curitiba, 1982. p.163.
- 07 - Idem. p. 165.
- 08 - Westphalen, Emygdio. Telegrama de 31 de março de 1894 ao General Cardoso Junior. In Negrão, Francisco. Genealogia Paranaense, Imprensa Paranaense. Curitiba, 1929. V.IV.p.508.
- 09 - Idem. p. 509.
- 10 - Carneiro, David. Op. cit.p.252.
- 11 - Carneiro, David. O caso do Quilômetro 65. In: Correia Leôncio. Barão do Serro Azul. Ed. de Dicesar Plaisant, Curitiba, 1942. p.271.
- 12 - Carneiro, David. O cerco da Lapa e seus heróis. Editora Navarro, Rio de Janeiro, 1934. p.177.
- 13 - Correia, Ildefonso Pereira. Carta ao Coronel Pires Ferreira, de 5 de maio de 1894. In Carneiro, David: O Paraná e a Revolução Federalista. Secretaria da Cultura e do Esporte. Curitiba, 1982. p.313
- 14 - Idem.
- 15 - Correia, Leôncio. Op.cit.p.39.
- 16 - Ourique, Jacques. O Drama do Paraná. Buenos Aires. 1894. p.73.
- 17 - Carneiro, David. O Paraná e a Revolução Federalista. Secretaria da Cultura e do Esporte. Curitiba. 1982. p. 271.
- 18 - Correia, Leôncio. Op.cit.p.30."

Muito obrigada pelo convite e pelas palavras do meu ex-aluno, Deputado Alceu Swarowski.

Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (José Tavares) - Esta Presidência tem a satisfação de conceder a palavra ao Dr. Fernando Fontana.

O SR. FERNANDO FONTANA - Senhor Presidente dessa sessão, Deputado José Tavares, Senhor representante do Governador do Estado, Senhor representante do Poder Judiciário, Senhora representante da Câmara Municipal, Magnífico Reitor, representante do Senhor Prefeito, Senhoras e Senhores: Certamente quando o Deputado Alceu Swarowski incluí o meu nome entre aqueles que deveriam manifestar-se a respeito da vida e até da morte do Barão do Serro Azul, imaginava que eu o faria como um familiar do Barão.

Mas entendo, e tenho certeza que os meus parentes que aqui estão, meus primos, meu neto, meus filhos, entendem como eu, que figuras como a de Ildefonso Pereira

Correia não pertencem à família, pertencem ao povo do Paraná, no caso do Barão, que ele soube honrar com seu trabalho, e sacrificar o seu bem-estar com a própria perda da sua vida, ao final, com os episódios que foram aqui relatados pelos palestrantes que me antecederam.

Mas, muito mais importante na minha visão, e tenho certeza de que na visão daqueles jovens que hoje enxergam problemas da política, enxergam problemas na área empresarial, não venham no futuro examinar a vida de Ildefonso Pereira Correia, as razões da sua morte podem ser discutidas, aquilo que ele tinha no coração no momento em que o Paraná foi invadido, as suas motivações também podem ser analisadas, mas o que não pode ser discutido, o que não pode ser, sequer tergiversado é o papel real, positivo, construtivo que ele exerceu durante toda sua vida, desde que, jovem ainda, saiu da sua Paranaguá natal, instalou-se em Antonina, onde teve sucesso na atividade comercial, industrial, e exerceu o seu primeiro cargo, chamemos de político, como suplente de juiz municipal.

Aí, a partir desse ponto, a sua vida tem pelo menos três vertentes que são da mais extrema importância para análise de seus contemporâneos, que é a vertente social, a vertente econômica e a vertente política.

Na parte social acho que apenas se a gente fizesse uma lista das coisas das quais o Barão participou, muitas das quais chefiando, já teríamos uma visão de um homem que acima de tudo tinha a lealdade, a fraternidade, a seriedade de propósitos, e, principalmente a caridade, porque, e vou citar sem ordem: Presidente da Comissão de Construção da Catedral Metropolitana, Presidente da Sociedade Glória e Fraternidade de Assistência aos Pobres de Curitiba; Membro da Comissão que angariou livros para a Biblioteca e quadros para a Pinacoteca Paranaense; Secretário da Educação, ocupando o cargo de Delegado especial de ensino primário e secundário. Consultor da Escola Tiradentes, que depois ele doou ao Estado; Abolicionista, Presidente da Comissão da Câmara Municipal, que tinha por missão acabar com a escravidão no Município de Curitiba; Presidente da Comissão de Migração de Curitiba.

Preocupado com a problemática da falta de abertura do nosso Estado, para o mundo, ele enxergou, junto com outros paranaenses ilustres, a necessidade de se promover a imigração européia, para que, principalmente no início do processo, imigrantes italianos, viessem para o nosso Estado e trouxessem aqui as técnicas que dominavam no seu País de origem para que o nosso Estado pudesse evoluir.

Ainda nessa área social, cultural,

fundou aquele que é um paradigma da atividade clubística do nosso Estado, que é o Clube Curitibano que na época não visava tanto o lazer e o esporte como visa hoje, mas visava principalmente o desenvolvimento cultural dos paranaenses.

Na área empresarial, vou repetir algumas coisas que já foram ditas, mas que certamente são importantes para que a gente se fixe exatamente no perfil daquele que é homenageado por essa Sessão Solene da Assembléia.

Ele foi antes e acima de tudo um inovador, um homem que correu riscos, que colocou o seu talento, o seu dinheiro, o seu tempo para promover o desenvolvimento e desenvolvimento não é apenas progresso. Desenvolvimento é um conjunto de atividades que fazem com que toda sociedade seja melhor e não apenas uma parte da sociedade progrida e melhore a sua vida.

Então, quando Serro Azul, apoiado nas novas técnicas trazidas da Europa, implantou nos seus engenhos de erva-mate e nas suas serrarias no Guatupê, Piraquara a utilização de equipamentos extremamente modernos para a época, fazendo testes para que esses equipamentos produzissem realmente a maior quantidade possível de mercadoria e implantou o vapor de forma definitiva, como o meio de fazer com que essas atividades industriais funcionassem, ele cumpriu uma missão desenvolvimentista.

Fundou a Associação Comercial que na época surgiu quase como um movimento de defesa da sociedade curitibana, para evitar os problemas que tinham acontecido quando da Revolta do Vintém, onde a população que não tinha nenhuma liderança civil a seguir, acabou se revoltando contra o governo por causa de um imposto que foi colocado em funcionamento naquela época e acabou acontecendo quase que uma revolta popular com as tropas governamentais abrindo fogo sobre a população e matando várias pessoas.

Então, a Associação Comercial surgiu não apenas da vontade dos comerciantes, mas como uma necessidade, uma resposta a uma circunstância histórica e provou, através dos seus 104 anos, que vem dando ênfase à defesa da comunidade paranaense, não apenas à defesa dos interesses dos seus membros e estavam certos aqueles que há 104 anos atrás a escolheram como a forma de trazer essa conciliação à sociedade paranaense.

Mas acho que estamos numa Casa que tem uma característica essencialmente política e se não mencionássemos, se deixássemos de lado a atividade política de Ildefonso Pereira Correia, estaríamos cometendo, no mínimo uma injustiça com os nossos Deputados e com aqueles que representam também aqui o Poder Executivo e o Poder Legisla-

tivo Municipal e o Poder Executivo Estadual, porque a biografia de Ildefonso Pereira Correia não estaria completa se não citássemos ou se não enfatizássemos aqueles pontos em que deixou de lado os seus interesses particulares para tratar, como Deputado Provincial, nesta Casa, como membro e como Presidente da Câmara Municipal que na época, exercia também funções de Executivo, porque não existia prefeito na cidade, como terceiro vice-presidente, como segundo vice-presidente e como presidente em exercício, cargo equivalente ao atual governador, tomou decisões da mais alta importância.

A Lei nº 888 implantou a Associação Propagadora da erva-mate e teve sua participação muito importante.

Participou ainda da Comissão da Abolição, da Comissão de Imigração e principalmente em 1.888 e é esse o ponto principal que quero frisar, quando me refiro à sua atividade política, o Estado, no dizer do próprio Presidente José Cesário de Miranda Ribeiro, enfrentava seriíssimos problemas, dos mais sérios da sua história, na área política, na área econômica e na área financeira.

As dívidas do Estado acumulavam-se a níveis que a população não imaginava que pudessem alcançar e Serro Azul como prestigioso membro do Partido Conservador, quando o seu partido não estava no Governo, participou de todas as negociações e de todas as gestões que conduziram à solução desses problemas através de uma fórmula que foi encontrada, primeiro para renegociar a dívida e segundo para pagá-la através de contribuições voluntárias feitas pela indústria e comércio paranaenses, curitibana, principalmente, que, sem juros, acabou emprestando os recursos de 43 contos de réis, quantia extremamente elevada na época, para que essas dívidas pudessem ser pelo menos postergadas e para que o Paraná não perdesse o seu prestígio, não perdesse o seu crédito junto ao Governo Federal e junto às instituições que haviam feito o empréstimo.

Nesta época ele assumiu a Presidência da Província, dizem até, a ser confirmado pelos historiadores aqui presentes, que porque só a ele seria concedida autoridade moral para assinar o Ato de 2 de julho através do qual ele para garantir o pagamento daqueles que haviam feito o empréstimo, daqueles comerciantes e daqueles oficiais que haviam feito o empréstimo, baseados na confiança que depositavam em Ildefonso Pereira Correia pudessem ter ressarcidos os valores que haviam emprestado, ele, numa atitude até certo ponto inédita, e que certamente as nossas Constituições e leis hoje não permitiriam, bloqueou as receitas da Coletoria de Anto-

nina e da Coletoria de Paranaguá para que elas fossem destinadas exclusivamente até que aquela dívida para com os próprios paranaenses fosse paga, as receitas dessas duas coletorias que eram as duas coletorias principais do Estado, fossem direcionadas neste sentido.

Então, além disto, ainda no início, em julho de 1889, quando o Presidente era o Conselheiro Jesuino Marcondes, na grei política a qual ele não pertencia, existe correspondência, existem documentos a respeito disto, discutir-se dentro da Assembléia e fora da Assembléia a forma pela qual deveria ser estabelecido o modelo e o próprio orçamento estadual para que só fossem feitas as arrecadações necessárias e para que só fossem feitos os pagamentos mínimos para que o Estado pudesse funcionar no sentido até de saldar, de resolver aqueles problemas da dívida anterior.

Então, tenho certeza de que não atendi o objetivo de falar em nome da família, mas espero que estas minhas palavras tenham mostrado que pode-se discutir sobre as causas, sobre as razões, pelos motivos que levaram ao trágico desenlace do barão, mas, muito pouco se pode discutir a respeito das razões por que fizeram com que ele assumisse as posições que assumiu, das razões com que fizeram que ele liderasse os movimentos que liderou, porque ele tinha antes e acima de tudo uma coisa que às vezes faz falta e até lastimo que os alunos da Escola Tiradentes não estejam mais aqui, que certamente faz muita falta, que é o amor pela sua gente, o amor pela sua terra e a consciência de que com o trabalho, com honestidade, com a visão não apenas das tricas e futricas do momento presente mas principalmente com a visão daquilo que é preciso fazer para que as coisas no futuro sejam melhores, para aqueles que vão viver no futuro, conseguir fazer.

Termino com um agradecimento todo especial dos paranaenses, aqueles que os representam nesta Casa, porque Rocha Pombo, no livro em que comentava sobre a participação do Paraná nos quatrocentos anos de descobrimento do Brasil, dizia o seguinte: Se quiséssemos assinalar em toda a história humana uma ordem de fenômenos que fossem como o eixo da existência moral do planeta, nada encontraríamos de mais expressivo e eloquente que as festas de comemoração que têm alimentado as grandes fés do mundo."

Nos acostumamos a aceitar, quase rotineiramente, os aniversários, as datas patrióticas, as efemérides sem nos dar conta de que essas festas de comemoração são muito mais do que simples datas repetitivas, mas significam, na verdade, os sinais visíveis da trama de valores que forma a nacionalidade e dá significado à Pátria.

alicerçando-a nos exemplos das gerações passadas.

A Assembléia Legislativa está de parabéns por não deixar passar essa data em branco e por trazer à nossa memória dos que estamos aqui hoje e, certamente, à memória dos que virão depois de nós, perante aos quais temos uma responsabilidade redobrada desse exemplo de vida, desse exemplo, até diria, de morte que foi o Barão do Serro Azul.

Muito obrigado.

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Tavares) - Esta Presidência não poderia, de forma alguma, deixar de registrar a importância dessa solenidade e o seu alto significado. Sem dúvida a Assembléia Legislativa de hoje, que é a continuidade da Assembléia Legislativa do Barão do Serro Azul sai engrandecida com esta sessão, razão pela qual esta Presidência cumprimenta o ilustre Deputado Alceu Swarowski que teve a feliz idéia de trazer a esta Casa a proposta de se homenagear uma pessoa, um paranaense tão ilustre como foi o Barão do Serro Azul.

Sem dúvida esta Casa sai mais engrandecida depois do que aqui ouvimos a partir do próprio autor, Deputado Alceu Swarowski, do professor Túlio Vargas, da professora Cecília Westphalen e por fim, do Dr. Fernando Fontana.

Eu, particularmente sou um paranaense, tenho quarenta e quatro anos de idade, nascido no interior do Estado, região que, praticamente, não viveu esta história do Paraná, que é a região norte do Estado e, por conseguinte, por mais que tenha estudado nas escolas públicas do Estado do nosso querido interior do Paraná quase nada ou muito pouco conhecia da história do Barão do Serro Azul.

Portanto, realmente, saímos daqui extremamente confortados e engrandecidos por esta sessão.

É uma pena e lamento que esta sessão não tenha transcorrido num horário mais apropriado onde pudéssemos ter aqui não só o Plenário cheio, mas as galerias também lotadas de jovens e de paranaenses para conhecer um pouco da nossa extraordinária história.

Antes de encerrar esta sessão, esta Presidência deseja expressar o seu mais profundo agradecimento pela presença das altas autoridades civis, eclesiásticas, corpo consular, bem como dos familiares do Barão do Serro Azul que aqui compareceram, e muito, mas muito mesmo, honraram e dignificaram o Poder Legislativo do Paraná.

Declaro encerrada a sessão. Obrigado!

Levanta-se a sessão.